

“É pra rir?": O uso dos memes na machosfera brasileira para sustentar ideologias misóginas

“Is this a joke?": The use of memes in the brazilian manosphere to sustain misogynistic ideologies

Isabela Rodrigues Regagnan

Doutoranda em História

Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: isabelaregagnan@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6891-3533> 

Jazmin Duarte Sckell

Doutora em Estudos Latino-Americanos

Freie Universität Berlin

E-mail: jazads@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6138-5405> 

Informações completas sobre autoria estão no final do artigo 

Resumo: Neste artigo, propomos uma reflexão sobre o uso dos memes na disseminação de discursos misóginos na internet. Para isso, foram coletados memes de um perfil da rede social *Instagram*, selecionado em consideração de seu conteúdo sexista e pelo fato de incluir características dos padrões dos grupos da machosfera. Partimos do entendimento de que os memes, enquanto produtos culturais, também carregam dimensões políticas. Embora, para o senso comum, possam parecer inofensivos ou desprovidos de significado, dentro de certas comunidades masculinas, esses memes atuam como ferramentas para a propagação de ódio e a consolidação de uma identidade de grupo em torno da misoginia. A análise se fundamenta na abordagem metodológica da Análise Crítica do Discurso Multimodal (MCDA).

Palavras-chave: grupos masculinistas; machosfera; misoginia; memes; humor.

Abstract: This paper proposes a reflection on the use of memes in the dissemination of misogynist discourse on the Internet. For this purpose, memes were collected from a profile of the social media network Instagram, selected considering its sexist content and the fact that it includes characteristics of the standards of manosphere groups. Considering the meme as a textual genre and humor as a form of language, we start from the understanding that memes, as cultural products, also carry political dimensions. Although they may seem harmless or meaningless to common sense, within certain male communities these memes act as tools to express hatred and consolidate a group identity around misogyny. The analysis is based on the methodological approach of Multimodal Critical Discourse Analysis (MCDA).

Keywords: masculinist groups; machosphere; misogyny; memes; humor.

Introdução

A eleição de 2018 no Brasil se insere em um fenômeno global de radicalização política impulsionada pelas plataformas digitais, que serviram como terreno fértil para discursos de ódio e desinformação (Abranches, 2019). Influenciado pela eleição de Donald Trump, em 2016, nos Estados Unidos da América, e com a influência de estrategistas como Steve Bannon, a disputa eleitoral de 2018 assistiu ao uso massivo de tecnologias que intensificaram a polarização e o pânico moral. Tais elementos eram condizentes com a agenda da nova-direita, que trazia temáticas como o “antipetismo” no Brasil, a “ideologia de gênero” e pautas antifeministas (Dignam; Rohlinger, 2019; Beato-Canato *et al.*, 2021; Miguel, 2021).

Assim como muito foi utilizado no processo de impeachment de Dilma Rousseff, marcado pela misoginia, a campanha de Jair Bolsonaro se utilizou de maneira estratégica, entre vários tipos de conteúdo digital, dos memes, para reforçar sua imagem, combinando humor nacionalista, retórica conservadora e uma performance masculina agressiva marcada por homofobia, misoginia e defesa da posse de armas, o que fortaleceu sua base de apoio e contribuiu para sua vitória (Chagas, 2021; Kalil *et al.*, 2021).

Os memes foram popularizados nas plataformas digitais, e se consolidaram como uma forma de comunicação cultural, conseguindo transmitir ideias, sejam elas simples ou complexas, de maneira rápida, irônica e, frequentemente, humorística. Ao pensar no ambiente digital, os memes funcionam como um dispositivo de identidade e de mobilização política e ideológica. Para além da apropriação do uso dos memes por partidos ou figuras políticas, notamos o uso estratégico desse gênero também por grupos ou comunidades do universo virtual. Contextualizaremos aqui os de caráter masculinista.

A partir do pensamento acerca da relação do uso dos memes da internet como uma engrenagem do humor, além de um mecanismo discursivo, no que diz respeito às manifestações extremistas na internet, escolhemos a página do *Instagram* @chad_cobrafumante como objeto de uma análise exploratória de memes misóginos. A página é notoriamente vinculada a discursos masculinistas, sustentando-se com o compartilhamento de memes machistas, misóginos, homofóbicos.

No que tange à análise dos memes propriamente, nos respaldamos na Análise Crítica do Discurso Multimodal (MCDA) para compreensão dos signos e significados presentes nos memes, além da identificação de referências intertextuais. Esta metodologia, que torna visível a reprodução das estruturas de poder, permitiu-nos compreender a produção e a utilização deste tipo de humor na Internet, a partir da

compreensão do conteúdo social e político da construção, bem como dos significados da cultura on-line particular.

A machosfera digital: memes, humor e misoginia na internet

A ideologia da nova direita global está ligada a um discurso conservador de promoção da feminilidade tradicional e da masculinidade heterossexual, agressiva e opressora. Embora as diferenças de gênero estejam presentes em nossas sociedades, com a misoginia como um discurso de longa data para justificar a discriminação contra as mulheres (Bosch Fiol *et al.*, 2020), a normalização de um discurso de gênero mais extremista nos últimos anos está ligada à popularização “*mainstream*” de espaços digitais masculinos. Batizado originalmente como *manosphere* (Van Valkenburgh, 2018), foi traduzido para o português como machosfera, correspondente a espaços virtuais com um caráter hipermasculino composto por sites, comunidades de redes sociais, aplicativos e fóruns que tecem a masculinidade exacerbada, mesmo com as formas difusas que cada plataforma opera (Lima-Santos; Santos, 2022).

Os espaços exclusivamente masculinos para discussão de ideias misóginas e antifeministas e reflexões sobre a situação real de “discriminação contra os homens” remontam à década de 1990, durante a reação antifeminista da época (Faludi, 1991; Nagle, 2017). Entretanto, é relevante afirmar que essa movimentação masculinista nunca foi tão forte e despertou tanta atenção e seguidores, do que na atualidade com as plataformas digitais (Miorando, 2024). Entre os grupos mais comuns identificados estão: (MRA: ativistas dos direitos dos homens; MGTOW: grupos separatistas de homens; “Pick-up artists”: grupos de aconselhamento sobre sedução de mulheres). O grupo dos “incels” ou celibatários involuntários ganhou visibilidade devido à sua conexão com o apoio ao Trumpismo, mas também por causa de suas ligações com ações extremistas e assassinatos (Nagle, 2017; Cottee, 2020).

No caso do Brasil, André Villela de Souza Lima-Santos e Manoel Antônio dos Santos (2022, p. 1090) afirmam que o surgimento de tais grupos está diretamente associado à ascensão “da ideologia autoritária e dos ataques antidemocráticos às instituições brasileiras” e sua expressão ainda é difusa, visível em plataformas como Facebook, Instagram, YouTube, e, notadamente, nos chans. Gracila Vilaça e Carlos d’Andréa (2021) estabelecem como a primeira expressão de violência misógina desse

tipo no Brasil o massacre do Realengo, no Rio de Janeiro, em 2011, por um jovem participante de grupos digitais extremistas sexistas.

Existem diversos tipos de perfis de homens dentro da machosfera que trazem sentimentos de deslocamentos da identidade masculina, sobretudo promovendo o ressentimento (Cottee, 2020). A partir de discursos pseudocientíficos, promove-se a ideia de um mundo hierárquico e hipercompetitivo, onde os homens-Alfa/Chads estariam no topo, com acesso a mulheres e recursos. As mulheres, por biologia, se sentiriam atraídas por homens dominantes, ao mesmo tempo que, com uma maior autonomia, se tornariam mais exigentes e/ou se aproveitariam dos que estão abaixo delas na hierarquia.

Precisamente parte do sucesso dos sites vinculados à machosfera tem a ver com o fato de que eles possibilitam reforçar vínculos de identidade e comunidade. Os memes fazem parte da comunicação nesses espaços, criando vínculos entre os homens e, ao mesmo tempo, funcionam como ferramenta de discurso vinculado à misoginia e à intolerância. Esse espaço on-line corrobora para que grupos masculinistas manifestem, de forma espontânea e desimpedida, o assédio e o ódio às mulheres, por simplesmente se mostrarem mulheres, assim como aos outros grupos vistos como minorias, caso das pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+ (Regagnan; Souto, 2023).

Questões em torno da misoginia não são questões isoladas. Mariana Valente (2023, p. 10) contextualizou a obra *Down Girl: The Logic of Misogyny* (Garota deprimida: a lógica da misoginia), da professora de filosofia Kate Manne (2017), para pensar alguns caminhos preciosos no que tange à misoginia. Para Manne (2017), a misoginia é um sistema operante de uma ordem social patriarcal que vigia e firma a subordinação das mulheres, mantendo a dominância masculina. De acordo com Valente (2023), existem vários métodos de misoginia, sendo um deles a violência de gênero, que toma o debate público, tanto de maneira off-line quanto de maneira on-line. Ao frisar a misoginia on-line, Josinaldo Alves Bezerra e Camilla Karoline Rêgo de Menezes (2024, p. 171) pontuaram que, desde a disseminação dos discursos neoliberais no Brasil – voltamos ao tocante, principalmente de um Brasil pós-eleição de 2018 –, houve a proliferação de discursos misóginos on-line que são contra e ameaçam o bem-estar das mulheres, e esses discursos acontecem também por meios dos memes.

Ao partirmos da perspectiva dos estudos críticos do discurso (ECD), consideramos que o discurso pode ser entendido como a representação social da realidade, que comunica e reproduz significados com base num contexto e em práticas sociais (Roderick, 2016). Na contemporaneidade, os memes são um fenômeno na cultura, principalmente digital. Ana Flávia Amaral Dias *et al.* (2022) afirmaram haver o surgimento de novos

gêneros no ambiente on-line, que contêm características hipertextuais, sendo o meme um deles. Consoante as pesquisadoras, o meme tem como principal objetivo causar o riso, com vínculos a situações cotidianas, como acontecimentos que geram grande repercussão. Isso tudo por meio de aspectos que unem o linguístico, o visual e o auditivo, constituindo uma expressão discursiva multimodal. Limor Shifman (2014) conceituou os memes como sendo de origem amadora, atravessados por tipos de humor, como a ironia e com certa finalidade crítica.

Para compreender um meme, é essencial considerar as informações que o compõem, pois seu significado está intrinsecamente ligado a um contexto específico. Dias *et al.* (2022) destacaram que a interpretação de um meme depende dos conhecimentos prévios da receptora. Assim, na ausência desses referenciais, a compreensão do meme se torna limitada, uma vez que a pessoa pode não reconhecer seus elementos-chave, como o significado das palavras, a identidade dos personagens representados ou a intenção do discurso. Se não há a compreensão do meme pela receptora, o humor não alcança sua graça, nem a crítica seus efeitos.

A internet é composta por grupos distintos. No que tange aos estudos sobre memes, compartilhamos das ideias de Thiago Costa (2023), que pontuou como alguns usuários ou grupos utilizam os memes para expressar opiniões ou gerar um certo tipo de humor. Ao pensarmos questões relacionadas aos debates feministas e até mesmo as questões de gênero nos memes, temos como aporte Nayla Vacarezza (2022), que afirmou como os memes feministas têm participado dos debates contemporâneos no que diz respeito ao machismo e à violência sexista, enquanto uma forma de humor mordaz e inteligente. Entretanto, Costa (2023) apontou também a existência de outras comunidades em um universo on-line tóxico, onde piadas depreciativas e insultos são recorrentes. Fazem parte desse universo grupos masculinistas como os *Redpill*, *Incels*, *Sigmas*, entre outras nomenclaturas. Diferente do humor feminista, os memes utilizados por esses grupos são permeados, como já sinalizado, de depreciação, insultos e ódio contra grupos distintos que não usufruem de uma masculinidade hegemônica, tencionando ataques aos debates de raça, gênero e assuntos políticos partidários.

Compreendemos que a ideia central deste texto é a análise de memes misóginos compartilhados por uma página masculinista na rede social *Instagram*. Entretanto, acreditamos ser necessário trazer breves apontamentos sobre o humor, elemento presente nos memes da internet. Vacarezza (2022) defendeu que o humor é um reprodutor de estruturas de poder, mas também é um mecanismo de resistência. Essa autora descreveu que, historicamente, o humor pode ser considerado uma esfera cultural

identificada com o masculino e o androcêntrico, tendendo a reforçar estereótipos sexistas e heterossexistas.

Quantas humoristas, cartunistas, quadrinistas, artistas não criaram materiais cheios de humor? Vacarezza (2022) pontuou que, mesmo sendo criadoras ativas em diversos gêneros de humor, as mulheres permaneceram em posições marginais, relegadas a um apagamento histórico. Cintia Lima Crescêncio (2018) defendeu que o silêncio das mulheres no campo do humor é fruto de uma operação histórica, política e cultural. Para essa autora, no caso do humor, a recusa e a desqualificação das mulheres são potencializadas devido à existência de um medo histórico do humor e do riso das mulheres.

Quantas de nós, principalmente feministas, escutou que não temos senso de humor? Sarah Ahmed (2022) considerou o humor como uma importante técnica para a reprodução de desigualdade e injustiça. Ahmed (2022) elaborou o termo “feminista estraga-prazeres”, como muitas vezes somos chamadas ao, por exemplo, não rirmos de elementos de humor, ou apontarmos questões sexistas e racistas em discursos ou piadas. Para ela, existe uma fantasia de que as feministas não têm senso de humor. Indo mais fundo, a autora revela um ponto necessário: muitas vezes, nós, feministas estraga-prazeres, ao não rirmos desses elementos, somos imediatamente designadas ao lugar de se tornar um possível símbolo da piada, do meme, da charge, com o intuito de nos ofender.

Percebemos, conforme o debate com as autoras, a potência do humor e como ele é importante no que tange a afetar a receptora, seja por uma piada ou um meme, por exemplo. Entretanto, é necessário pontuar que nem todo meme foi elaborado para ser engraçado. Ao analisar os memes da pesquisa na construção deste texto, notamos que alguns deles têm o viés de somente transmitir uma mensagem. Devemos considerar não somente o meme da internet como um elemento da cultura digital, mas também pensá-lo enquanto um gênero, sendo necessário não apenas construir o possível significado humorístico, e sim considerar o sentido crítico, como descreveram Anderson Guerreiro Santos e Neiva Maria Machado Soares (2016).

Tais apontamentos nos levam acreditar na relevância dos discursos culturais, políticos e ideológicos presentes nos memes. Raquel Martínez-Sanz *et al.* (2024) asseveraram que as redes sociais são um lugar perfeito para radicalizar alguma crítica política. Com base nas ideias de Eemeli Hakoköngäs *et al.*, (2020), Martínez-Sanz *et al.* (2024) constroem um debate em torno dos memes nesse espaço das redes sociais. As autoras afirmaram que os memes e o humor, imbricados nas câmaras de eco — espaço

on-line onde pessoas se conectam a opiniões semelhantes às suas, reforçando crenças, diminuindo o contato com outras perspectivas — naturalizam as extremas ideologias presentes em memes desses mesmos espaços, corroborando os discursos de ódio. Essas câmeras de eco nada mais são do que espaços digitais como a machosfera.

Emilie Lawrence e Jessica Ringrose (2018) destacaram os memes como um aspecto crucial para a machosfera. Vamos tratar, aqui, os memes como elementos simbólicos presentes nessas câmeras de ecos, ou melhor, na machosfera. Isso é fundamental para elaborarmos os elementos, ferramentas, símbolos que colaboraram para a crescente onda antifeminista e a misoginia *on-line* no Brasil (Lima-Santos; Santos, 2022; Valente, 2023), e em países como Argentina (Vazcarezza, 2022), Estados Unidos da América (Johanssen, 2022) e Itália (Cannito; Mercuri 2021; Cannito; Ferrero Camoletto 2022).

Sobre as formas de misoginia e assédios que estão infectando também o espaço digital, Silia Claudia Pastori (2023) salientou que:

[...] o assédio baseado no gênero e outros abusos e ameaças estão ocorrendo no *on-line* de formas peculiares. Entre elas, destaca-se o uso de imagens acompanhadas de um texto, como no caso dos memes, sendo muito comum e frequentemente usado na objetificação sexualizada e violenta das mulheres (p. 9 – tradução das autoras)¹.

Pastori (2023) trouxe em sua tese os memes como uma forma de misoginia no espaço digital. Taciane Cavalcanti do Amaral Mota (2023, p. 98), por sua vez, apontou outros meios de violência e perpetuação de ódio contra as mulheres, conhecidos por nomenclaturas como: *revenge porn*, *gendertrolling*, *sextortion*, *doxxing*, *cyberstalking*, além da manipulação de fotos, abuso verbal e assédio sexual *on-line*.

Apesar de existirem leis no Brasil como a Lei nº 12.737/12, batizada de Lei Carolina Dieckmann², assim como a Lei nº 13.642/2018, nomeada de Lei Lola³, ainda há um número alarmante de conteúdos misóginos na internet. Imbricada em mensagens de ódio, de deboche, de ironia, perpetua-se a violência contra a mulher, que perpassa a ideia de

¹ No original italiano: “[...] le molestie basate sul genere e gli altri abusi e minacce conoscono online delle forme peculiari. Fra queste, l'uso di immagini accompagnate da un testo, come nel caso dei meme, è molto comune, e si serve spesso di un'oggettificazione sessualizzata e violenta della donna”.

² Essa legislação visa combater os crimes que ocorrem no espaço digital, principalmente quando se trata de invasão de dispositivo eletrônico.

³ Investiga os crimes praticados no espaço digital que contenham conteúdos misóginos, visando combater a violência contra as mulheres no ambiente *on-line*.

somente existir no *off-line*. Afirmamos isso diante das análises realizadas na pesquisa e construção desse texto.

O fenômeno dos memes, frequentemente utilizado como forma de expressão humorística nas plataformas digitais, evidencia uma relação complexa entre o humor, a crítica social e a disseminação de ideologias, especialmente em grupos da machosfera. Desse modo, os memes carregam consigo uma função social (des)educativa e (des)informativa, como salientaram Martha Julia Martins *et al.* (2021). Ao analisar esse fenômeno, é essencial reconhecer que, apesar da superficialidade muitas vezes atribuída aos memes, estes carregam implicações sobre a construção e a manutenção de identidades de gênero, apontando os limites do humor e seus efeitos sociais na contemporaneidade.

Misoginia nos memes de comunidades masculinistas

Desde sua criação, em 2010, o *Instagram*, considerado uma rede social, ganhou muitas faces. Inicialmente voltado apenas para uso em *smartphones* com o sistema *iOS*, já em 2012 passou a ser permitido seu uso também em sistemas *Android*. Consoante a pesquisa e levantamento de Espinoza Beltran *et al.* (2021), até o ano de 2017 o *Instagram* contava com uma média de 800 milhões de usuários.

A grande promessa do *Instagram* era compartilhar, por meio da captura de foto ou vídeo, os momentos das usuárias, onde cada uma delas poderia personalizar seu perfil dentro dessa rede social, da sua maneira, como afirmaram Penha Élide Ghiotto Tuão Ramos e Analice de Oliveira Martins (2018). Essas autoras ainda nos trazem os seguintes fatos:

Inicialmente, como esclareceram os criadores do Instagram, a intenção era resgatar a instantaneidade das clássicas *Polaroids*, possibilitando a captura de imagens e seu trato com diferentes filtros. Mas essa ideia foi expandida e ganhou vigor com os compartilhamentos e a formação de uma rede social.

Diante de tais fatores, compreendemos as diversas possibilidades que o *Instagram* traz às suas usuárias, configurando-se como uma rede social que permite diversos tipos de interações no que diz respeito aos seus conteúdos. Essa rede social é utilizada pelas pessoas de maneira geral, seja com suas vidas cotidianas, também na promoção de campanhas políticas, onde existe um forte engajamento, além de um mecanismo para

trabalho e captação de renda, ou até mesmo como forma de lazer: páginas de literatura, cinema, culinária, humor, entre tantas outras mais. Espinoza-Beltrán (2021) pontuou que:

A particularidade do Instagram é que permite ao usuário compartilhar fotos, vídeos e enviar histórias de onde e quando quiser [...] o Instagram tem a opção de seguidores, onde o usuário pode seguir outras pessoas e vice-versa. Você pode seguir e ter seguidores, com a opção de selecionar curtir o conteúdo de outras pessoas. Você pode socializar com amigos, seguidores e pessoas com interesse comum por meio de interações como mensagens diretas e respostas contínuas como curtidas, comentários e compartilhamento de postagens (p. 18-19 — Tradução das autoras⁴).

É possível observar como diferentes formatos comunicativos circulam nesta plataforma, permitindo, por um lado, a circulação de mensagens por parte dos criadores de conteúdos, e, por outro, também a interação direta de quem consome essas mensagens. Para este trabalho exploratório, decidimos concentrar-nos especificamente na análise de peças multimodais, como os memes. Os discursos multimodais são aqueles em que convergem diferentes tipos de expressão semiótica – texto, imagem, som – e em que o significado é obtido na interação destes elementos de maneira não hierárquica (Roderick, 2016, p. 48). Para tal, por um lado, procedemos a uma análise da representação visual/textual do meme, tendo em conta o contexto de enunciação destas imagens, tanto político e social, como em relação ao universo digital e aos recursos semióticos da machosfera. Por outro lado, temos também em conta as reações a esses conteúdos por parte dos seguidores da página selecionada.

Mediante as particularidades do *Instagram*, vemos essa rede social como um campo profícuo para perfis públicos ou privados de homens que fazem parte de grupos masculinistas inseridos na machosfera. Foi visando a tais fatores que encontramos uma página até então pública, de memes voltados ao universo masculinista. Como salientado na introdução, nosso recorte e justificativa da escolha desta página e dos memes capturados foram por ela entregar aos seus seguidores não somente memes masculinistas que falem de política, LGBTfobia, dos próprios membros da machosfera, porém, principalmente, por compartilhar memes que trazem questões misóginas,

⁴ Na tradução original: “La particularidad de Instagram es que permite al usuario compartir fotografías, videos y subir historias desde el lugar y momento que sea [...] Instagram tiene la opción de seguidores, en donde el usuario puede seguir a otras personas y viceversa. Se puede seguir y tener seguidores, con la opción de seleccionar un me gusta al contenido de las demás personas. Se puede socializar con amigos, seguidores y personas con intereses comunes por medio de interacciones como mensajes directos y reactivos continuos como likes, comentarios y compartir las publicaciones”.

reforçando a violência e a aversão contra as mulheres, propagando também o antifeminismo.

A página escolhida utiliza o nome de usuário *@chad_cobrafumante*. A escolha desta página se deu principalmente por ela se basear somente em posts de memes com características pertencentes aos masculinistas e nas pautas da nova-direita. Como optamos por analisar o *Instagram*, rede social muito popular no Brasil, essa página, apesar de não ter um vasto número de seguidores, se mostrou como um objeto consistente para a pesquisa e análise. Pelo fato de a página ter, até o momento da realização da análise, 1.711 publicações, decidimos por fazer o recorte temporal de dois anos. Desse modo, como esse texto trata do humor nos memes misóginos de grupos masculinistas, delimitamos as escolhas dos memes no espaço de dois anos, dando enfoque aos que tratavam essa temática.

Figura 1 –Perfil da página no Instagram



Captura de tela feita pelas autoras.

Disponível em: https://www.instagram.com/chad_cobrafumante/. Acesso em: 20 maio 2025.

[Descrição da imagem] A figura traz o perfil de uma página do *Instagram*, *chad_cobrafumante*. Há na esquerda, sua foto de perfil, um homem representando um soldado com roupa e chapéu verde, barba e cabelo castanho. Depois há as descrições de números de publicações, seguidores e quem o usuário da página segue. Seu nome “Pracinha-Based” e uma biografia “Cobras Fumantes Eterna é Sua Vitória BR” são seguidos pelo emoticon de um cigarro e uma cobra. Embaixo “página reserva @chad_cobrafumanteservava”. [Fim da descrição].

A Figura 1 é uma captura de tela do perfil da página *@chad_cobrafumante*. De fato, não é nosso objetivo analisar o perfil da página em si, entretanto, achamos fundamental destacar alguns símbolos e elementos que o compõem, pois darão ainda mais sentido à escolha da página e seu viés com o universo masculinista.

Na foto de perfil, vemos um *chad* — na linguagem da internet, o *chad* representa a figura de um homem com características desejáveis, bem-sucedido. Essa nomenclatura é bastante utilizada na machosfera e em outras comunidades on-line. O *chad* está vestido

de verde e em seu chapéu há o brasão de uma cobra fumando. Em sua biografia também há menções para cobras fumantes. Todas essas referências a cobras dizem respeito ao lema “A cobra vai fumar”, que corresponde à entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. O *chad* vestido de verde representa um soldado, e o nome “Pracinha-Based” também corresponde a soldados que seriam fiéis a si. No que tange à história por trás da referência desse símbolo, seja na imagem de perfil, na biografia, no nome de usuário e no nome da página: “surgiu um pessimismo entre a população brasileira, resultando em frases usando o lema da FEB (Força Expedicionária Brasileira): ‘É mais fácil a cobra fumar do que o Brasil mandar soldados para a guerra’” (Barone, 2013 *apud* Naiditch, 2016, p. 20).

Até o momento da escrita desse texto, a página *@chad_cobrafumante* tem 1.711 posts publicados; 6.971 seguidores e segue 919 perfis. Como salientado, até onde essa pesquisa alcançou, os posts compartilhados no perfil são compostos por memes de diversas temáticas correspondentes à machosfera: misoginia, relacionamentos, religião, política e sobre os perfis de homens que compõem essa câmara de eco. Seguiremos, então, para a análise dos memes escolhidos.

Figura 2 – Mulher caricata que visa acusar homem de estupro



Captura de tela feita pelas autoras.

Disponível em: https://www.instagram.com/chad_cobrafumante/. Acesso em: 16 maio 2025. [Descrição da imagem] A figura traz um meme com uma mulher bastante caricata, boca grande, nariz pontudo, cílios alongados, cabelo sobre o rosto. Ela diz “Cê loko, um homem, vou acusar ele falsamente de 3stupr0 e destruir completamente a vida dele, hihi levei vantagem”. Além da mulher, compõem o visual do meme duas figuras de representação masculina, uma delas também um pouco caricata, dando alusão a um homem negro, e a outra um *Wojak* — esse tipo de figura surgiu quase como um desenho de *paint*, para representar um usuário *on-line* de maneira comum e anônima. Atualmente existem diversas variações de *wojaks* que são, na maioria das vezes, destinadas a zombar dos outros. O fundo do meme aparenta ser uma praça de alguma cidade. [Fim da descrição].

Na Figura 2, temos um meme composto pela representação totalmente caricata de uma mulher: lábios grandes, nariz pontudo, cabelo encobrindo o rosto e cílios alongados. No texto, a mulher diz em linguagem popular e maneira irônica que está vendo um homem e irá acusá-lo de estupro falsamente, destruindo completamente a vida dele para levar vantagem. Além da mulher, compõem o visual do meme duas figuras de representação masculina, uma delas também um pouco caricata, dando alusão a um homem negro, e a outra um *Wojak* — esse tipo de figura surgiu quase como um desenho de *paint*, para representar um usuário on-line de maneira comum e anônima. Atualmente, existem diversas variações de *wojaks* que são, na maioria das vezes, destinadas a zombar dos outros.

Esse meme é construído pela sátira e agressividade das falsas acusações de estupro feitas por mulheres, utilizando de um tom acusatório e generalizante. Ao pensarmos no contexto da machosfera, esse meme sugere que as mulheres teriam intenções reais de destruir a vida de homens com falsas acusações. Esse discurso está amparado pela ideia da “injustiça contra os homens”, ou até mesmo pelo sentimento de rejeição (Van Valkenburgh, 2018). Outro fator é a propagação de que as falsas acusações de estupro são comuns e usadas como forma de vingança.

O meme apresentado na Figura 2 traz uma problemática bastante presente na sociedade brasileira atual: o medo e o silenciamento das vítimas de violência sexual. Ao questionar a veracidade das denúncias, o meme descredibiliza as vítimas que, de fato, foram violentadas. No que tange aos mitos do estupro, Mailô de Menezes Vieira Andrade (2019) ressaltou que a promoção de uma realidade distorcida, desconectada das experiências reais das mulheres, tem alimentado na sociedade — e nas instâncias punitivas — a ideia de que as sobreviventes são corresponsáveis, provocadoras ou que não resistiram o suficiente. Essa promoção sugere, equivocadamente, que falsas alegações de estupro são frequentes.

O meme foi compartilhado no perfil *@chad_cobrafumante* no dia 8 de março de 2025, com a seguinte legenda: “Feiz dia da Muié bostileira”. Também debochando, o usuário por trás do perfil usa um certo tipo de deformação irônica e zombeteira para falar “Feliz Dia da Mulher Brasileira”. Ao analisarmos e estudarmos a linguagem de grupos masculinistas, perceberemos que esse tipo é comumente usado entre eles, em memes misóginos e antifeministas.

Figura 3 – Feminista *versus* antifeminista



Captura de tela feita pelas autoras.

Disponível em: https://www.instagram.com/chad_cobrafumante/. Acesso em: 15 maio 2025.

[Descrição da imagem] A figura traz um meme sobre uma mulher feminista no lado esquerdo, representada por uma *becky* – figura caricata na linguagem dos memes e dos *incels* – que usa óculos, tem o cabelo até os ombros na cor castanha e está chorando com a boca aberta com a escrita “Uma mulher antifeminista é uma aberração”. Já na direita há a representação de uma *tradwife*, a esposa ideal, com o cabelo loiro, branca, com a roupa preta, com traços do seu desenho bem alinhado. Embaixo dela há o texto “Se recusar a seguir um movimento hipócrita faz de mim uma ‘aberração’, então sou aberração com orgulho”. [Fim da descrição].

No meme da Figura 3, temos duas representações de “mulher”. No nosso lado esquerdo, na linguagem dos memes e do universo dos *incels*, temos uma *becky* – nos memes é um termo que costuma ser usado de maneira estereotipada e pejorativa para descrever um certo tipo de garota que é considerada básica. Do nosso lado direito, denominamos de *tradwife* – termo usado para descrever mulheres que valorizam e escolhem um estilo de vida tradicional, no qual o papel feminino é centrado em ser dona de casa, esposa, rejeitar o feminismo moderno etc. A tradução seria “esposa tradicional”. Acreditamos que nesse meme há a escolha de uma *becky*, justamente para representar uma feminista pela futilidade e falta de personalidade — pensando na visão dos homens, pertencentes aos grupos masculinistas e antifeministas. O jocoso da figura é como a representação da mulher feminista é formulada junto da intertextualidade. Aos prantos e com raiva, caricata e até mesmo desconfigurada, ela transparece uma imagem de “surto” aos dizeres: “uma mulher antifeminista é uma aberração”. A *tradwife*, por sua vez, é bem “desenhada”, sem caricatura ou deboche, dando a entender certa superioridade em comparação à feminista.

Os elementos simbólicos das personagens, como o cabelo, também são pensados na construção do meme. Do avatar feminista, a cor é castanho, sem muita personalidade;

pelos traços “mal feitos”, analisamo-los comoo suposto “descuido” que as feministas têm consigo mesmas. Já a antifeminista “apresenta um corte mais longo, cabelo de cor natural, possivelmente claro, caracterizando-a por uma aparência mais austera e bonita” (Martins *et al.*, 2021, p. 21). Apesar de haver uma atmosfera de piada, em nossa análise, esse meme não é humorístico, e compreendemos a possibilidade da pretensão de ser uma lição de moral, com uma mensagem agressiva.

Um fator que nos chamou atenção na publicação desse meme foram os comentários. Diferente do meme da Figura 1, que não apresenta nenhum comentário, esse meme da Figura 2 apresenta 18 comentários até o momento, tanto postados por homens quanto por mulheres. Os comentários giravam em torno de: “‘É uma aberração’, disse a aberração”; “Então eu e minha filha somos aberrações”; “Você mulher é livre pra escolher o que quiser. Desde que eu concorde é claro.=”. Este último comentário teve o total de 10 curtidas. Talvez o mais curtido, em comparação com os outros. “Sou uma aberração assumida”. O que notamos, aqui, é como o post foi aderido pelas pessoas, independente do gênero de cada uma delas, e como a mensagem não é passivamente acolhida ou celebrada, mas criticada.

O meme da Figura 3 tenciona um ataque às feministas, tentando não somente desmoralizá-las, mas, principalmente, proliferar o antifeminismo que se alastrou pelo globo, juntamente da nova-direita. Em se tratando de um viés espanhol, mas totalmente aplicável ao Brasil, as autoras Elisa García-Mingo e Silvia Díaz Fernández (2023) descrevem a composição desse grupo. Envoltos por um discurso misógino, esses perfis de pessoas que se identificam com o antifeminismo costumam também permear questões racistas, assim como a manutenção da violência aos direitos sexuais e reprodutivos (Fernández; García-Mingo, 2023).

O meme disposto na Figura 3 nos traz ainda a problemática da “mulher ideal”. Esse ideal de feminilidade que adentra diversas vezes ao universo dos relacionamentos amorosos é um fator importante no que tange aos estudos sobre os grupos masculinistas, sejam eles *Redpill*, *Incel*, *Sigma*, entre outras nomenclaturas. Isso porque, quando adentramos nos estudos sobre esses grupos e, conseqüentemente, o universo difuso da machosfera, os perfis de mulheres consoante ao feminismo são as grandes ameaças para esses perfis de homens, os conduzindo à humilhação e reduzindo, portanto, a autoestima desses (Regagnan; Souto, 2023). Para eles, essas mulheres os deixaram “nus” diante do mundo, sendo verdadeiras oportunistas, que ganham a vida às suas custas, os tirando tudo, inclusive seus papéis na sociedade. Isso também pode ser considerado no meme da Figura 1.

No que diz respeito aos relacionamentos amorosos, perfis como os *Incels* acreditam é que as mulheres os rejeitam, optando por outros tipos de homens, como os *Chads*. Gracila Vilaça (2022, p. 7) apontou que: “todos os homens teriam direito inato às mulheres e esse direito teria sido negado aos *incels* pelas próprias mulheres, principalmente influenciadas pelos feminismos”.

Figura 4 – Bonnie & Clyde e violência contra a mulher



Captura de tela feita pelas autoras.

Disponível em: https://www.instagram.com/chad_cobrafumante/. Acesso em: 17 maio 2025.

[Descrição da imagem] A figura traz um meme sobre relacionamento e violência contra a mulher. Na parte superior, temos a imagem de Bonnie & Clyde, personagens de um filme. A representação do homem está vestindo um terno cinza e um chapéu cinza, com uma gravata marrom. Enquanto a representação da mulher está vestindo uma roupa preta sobreposta por um casaco amarelo. Usa batom e unha pintada de vermelho. O casal tem nas mãos armas. Já na parte inferior da figura, há uma *becky* – figura caricata na linguagem dos memes e dos *incels* – com o cabelo cor de rosa, olhos roxos, *band-aid* no rosto e chorando. [Fim da descrição].

A Figura 4 traz Bonnie & Clyde, personagens de um filme dos anos de 1960 inspirados em uma história real, sugerindo um certo tipo de “síndrome” que faz com que mulheres se apaixonem e vivam fantasias de relacionamentos com “bandidos”. A personagem localizada na parte de baixo da figura tem cabelo cor-de-rosa que frequentemente é utilizado para ridicularizar feministas ou mulheres progressistas. A mulher é construída com aparência ferida, sangrando, com curativo, roxo no olho, e

expressão de raiva e sofrimento. A imagem da mulher machucada reforça a ideia de que tais relacionamentos resultam inevitavelmente em abuso — o que pode ocorrer em muitos casos reais, mas no meme é usado zombeteiramente, sem empatia, como escárnio. Isso sugere que o meme não está somente criticando “amor bandido”, mas atacando mulheres com engajamento político e social.

Sob a aparência de uma piada, o meme expõe uma realidade que assola a realidade mundial, aqui dando ênfase ao Brasil: os relacionamentos abusivos e a violência contra a mulher. No entanto, o meme, ao tratar esse tema com deboche e sarcasmo, desumaniza as vítimas, colocando o ônus e a responsabilidade sobre elas sem questionar os motivos da agressão masculina e banalizando a violência doméstica.

Além de todo o contexto do meme, uma interação entre os usuários nos comentários chamou nossa atenção. O usuário 1 publicou: “Síndrome de Bonnie & Clyde ou Hibrístofilia, mais conhecido como amor bandido” e o usuário 2 respondeu: “mal dessa década que contaminou as mulheres”. O usuário 1 respondeu o comentário do 2 com os seguintes dizeres: “só nessa época? kkkkkkkkk onde estamos é a pior década que foi plantada desde o século XIV na época da abortista Simone de Beauvoir”. Novamente vemos ataques às feministas por meio da menção da pessoa de Simone de Beauvoir, enfatizando ainda que ela é uma abortista, característica atribuída erroneamente às feministas.

Esse meme, assim como os demais trazidos no corpo deste texto, faz parte de uma cultura digital misógina que circula em grupos masculinistas e perfis antifeministas, promovendo desinformação, cinismo e violência simbólica contra mulheres. É necessário contextualizar esse tipo de conteúdo, tendo em vista que memes são potentes ferramentas de normalização do discurso de ódio.

Considerações finais

A análise realizada com os memes coletados colaborou para entendermos e evidenciarmos o papel central que esses elementos de cunho cultural fomentam na articulação de discursos ideológicos no ambiente on-line. Alguns se camuflam, entretanto, estão longe de serem somente manifestações de humor. Na verdade, os memes operam como ferramentas simbólicas, atuando na construção e na circulação de narrativas que (re)afirmam visões sobre ódio, poder e identidade masculina, em espaços sexistas.

Para os grupos masculinistas, os memes podem servir como um meio de reforçar o senso de pertencimento no grupo. Ao mesmo tempo, eles externalizam seus

ressentimentos e críticas direcionadas a transformações sociais que estão associadas aos direitos humanos, direitos das mulheres e às pautas feministas. Sendo criados muitas vezes com imagens, textos e até mesmo sons, os conteúdos desses memes colaboram para a veiculação de ideias misóginas, antifeministas e outras que aparecem, muitas vezes, de forma velada, sob a aparência de provocação ou ironia, dificultando a identificação e o enfrentamento desses discursos.

A análise revela como a cultura digital no contemporâneo tem dado margem a espaços de expressão e fortalecimento de discursos reacionários, utilizando uma gramática comum baseada na ideologia sexista da esfera digital global. Sendo assim, os memes se mostram uma ferramenta relevante para além da compreensão das dinâmicas dos grupos masculinistas, mas também geram um debate mais amplo sobre os desafios atuais em torno das disputas simbólicas de gênero que se formam na esfera pública digital.

Referências

ABRANCHES, S. Polarização radicalizada e ruptura eleitoral. *In: ABRANCHES, Sérgio et al. Democracia em Risco? 22 ensaios sobre o Brasil de hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 11-34.

AHMED, S. Manifesto estraga-prazeres. *In: AHMED, S. Viver uma vida feminista*. São Paulo: Ubu, 2022.

ALVES BEZERRA, J.; RÊGO DE MENEZES, C. K. Misoginia na era digital: Explorando o Movimento Red Pill e os Desafios Legais do Combate à Misoginia Online no Brasil. *Direitos Humanos e Transdisciplinaridade*, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 170-186, 2024. DOI: 10.22478/ufpb.1887-8214.2024v2n2.70700. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/dht/article/view/70700>. Acesso em: 14 jun. 2025.

ANDRADE, Mailô M. V. Os mitos do estupro e a “especial relevância da palavra da vítima em crimes sexuais”. *Boletim do IBCCRIM*, v. 1, 2019.

BEATO-CANATO, A. P. M.; MATTOS BRAHIM, A. C. S. de; JORDÃO, C. M. Paulo Freire em memes: caricaturas de um país dividido. *Calidoscópico*, v. 19, n. 4, p. 463-480, 2021. DOI: 10.4013/cld.2021.194.03.

BOSCH FIOL, E.; FERRER PÉREZ, V. A.; GILI PLANAS, M.; ANDERSON, B. S. *Historia de la misoginia*. Barcelona: Anthropos, 2020.

CANNITO, M.; FERRERO CAMOLETTO, R. The Rules of Attraction: An Empirical Critique of Pseudoscientific Theories about Sex in the Manosphere. *Sexes*, v. 3, n. 4, p. 593-607, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.3390/sexes3040043>.

CANNITO, M.; MERCURI, E. Fatherhood and gender relations in the manosphere: Exploring an Italian non-resident fathers' online forum. *European Journal of Cultural Studies*, v. 24, n. 4, p. 1010-1029, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/13675494211036967>.

CHAGAS, V. Meu malvado favorito: os memes bolsonaristas de WhatsApp e os acontecimentos políticos no Brasil. *Estudos Históricos*, v. 34, p. 169-196, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2178-149420210109>. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/issue/view/4498>. Acesso em: 10 jun. 2025.

COSTA, T. Apoiando a questão atual: humor depreciativo e alteridade por meio de memes de internet. *Compólitica*, v. 13, n. 1, p. 57-76, 2023. Disponível em: <https://revista.compolitica.org/index.php/revista/article/view/663/353>. Acesso em: 30 out. 2024.

CRESCÊNCIO, C. L. As mulheres ou os silêncios do humor: uma análise da presença de mulheres no humor gráfico brasileiro (1968-2011). *Revista Ártemis*, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 53-75, 2018. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2018v26n1.42094. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/42094>. Acesso em: 15 jun. 2025.

COTTEE, S. Incel (E)motives: Resentment, Shame and Revenge. *Studies in Conflict & Terrorism*, v. 44, n. 2, p. 93-114, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/1057610X.2020.1822589>.

DE SOUZA LIMA-SANTOS, A.; DOS SANTOS, M. A. Incels e Misoginia On-line em Tempos de Cultura Digital. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 22, n. 3, p. 1081-1102, 2022.

DIAS, A. F. A.; PRADO, A. C. D. R.; SANTANA, E. M. de; NOVAES, M. L. Um gênero digital para além de sua função: construção do meme como hipertexto. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL E V CONGRESSO NACIONAL DE MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO. *Anais... UESP*, 2021. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/cicnmse/article/viewFile/10034/9843>. Acesso em: 20 ago. 2022.

DIGNAM, P.; ROHLINGER, D. Misogynistic Men Online: How the Red Pill Helped Elect Trump. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, Chicago, v. 44, n. 3, 2019. DOI: 44.589-612. 10.1086/701155.

ESPINOZA-BELTRÁN, I.; PÉREZ-PÉREZ, F.; SUQUI-CHIMBO, E.; ARÉVALO-SARMIENTO, J.; TENESACA-QUITUISACA, S. Comparativa entre TikTok e Instagram según estudios de caso. In: TORRES-TOUKOUMIDIS, Á.; DE-SANTIS, A.; VINTIMILLA-LEÓN, D. *TikTok: Más allá de la hipermedialidad* [online]. Quito: Editorial Abya-Yala, 2021. FALUDI, Susan. *Backlash: The Undeclared War Against American Women*. New York: Three Rivers Press, 1991.

GARCÍA-MINGO, E.; DÍAZ FERNÁNDEZ, S. Cartografía de Investigación sobre Misoginia Online y Manosfera en España: Mirando al Futuro. *Masculinities & Social Change*, v. 12, n. 3, p. 293-309, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.17583/msc.11882>.

HAKOKÖNGÄS, E.; HALMESVAARA, O.; SAKKI, I. Persuasion Through Bitter Humor: Multimodal Discourse Analysis of Rhetoric in Internet Memes of Two Far-Right Groups in Finland. *Social Media Society*, v. 6, n. 2, 2020.

JOHANSEN, J. *Fantasy, online e misogyny and the manosphere: male bodies of dis/inhibition*. Nova York: Routledge, 2022.

KALIL, I.; PINHEIRO-MACHADO, R.; MURY SCALCO, L. Dreaming with guns: Performing Masculinity and Imagining Consumption in Bolsonaro's Brazil. In: JUNGE, B.; MITCHELL, S.; JARRIN, A.; CANTERO, L. (Ed.). *Precarious Democracy: Ethnographies of Hope, Despair, and Resistance in Brazil*. Ithaca, NY: Rutgers University Press, 2021. p. 50-61. DOI: <https://doi.org/10.36019/9781978825697-006>.

LAWRENCE, E.; RINGROSE, J. @NoToFeminism, #FeministsAreUgly and Misandry Memes: How Social Media Feminist Humour is Calling out Antifeminism. In: RYAN, J.; RYAN, M. (Eds.). *Emergent Feminisms: Complicating a Postfeminist Media Culture*. New York: Routledge, 2018. p. 211-232.

MANNE, Kate. *Down Girl: The Logic of Misogyny*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

MARTÍNEZ-SANZ, R.; DURÁNTEZ STOLLE, P.; SIMÓN-ASTUDILLO, I. Los memes como discurso de odio: violencia, humor y crítica en torno a la imagen de Irene Montero. *Visual Review: International Visual Culture Review / Revista Internacional de Cultura Visual*, v. 16, n. 2, 2024.

MARTINS, M. J.; LORENSET, C. C.; STEFFEN, G. T. O Discurso Antifeminista em Memes. *Antares: Letras e Humanidades*, v. 13, p. 3-34, 2021.

MIGUEL, L. F. O mito da "ideologia de gênero" no discurso da extrema-direita brasileira. *Cadernos Pagu*, Unicamp, v. 62, p. 1-14, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/18094449202100620016>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/CsFcz5vm5bLShxPN3LHDYkk/?lang=pt>. Acesso em: 13. jun. 2025.

MIORANDO, G. S. *Mitos, messias e salvados da pátria: sentidos de masculinidade em memes de super-heróis usados no bolsonarismo*. 2024. 319p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola da Indústria Criativa, Universidade do Rio dos Sinos, 2024.

MOTA, T. C. A. Entendendo a misoginia online: aspectos psicossociais. In: BATISTA, C. E. R.; KLAUSS, J.; FREITAS, P. G. de (Org.). *Psicologia e cultura: abordagens, reflexões e implicações da psicologia na sociedade contemporânea*. 1. ed. Rio de Janeiro: E-Publicar, 2023. p. 98-104.

NAGLE, A. *Kill all normies*. Winchester: Zero Books, 2017.

NAIDITCH, A. F. "A Cobra Vai Fumar": a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. *Revista Novas Fronteiras*, v. 2, n. 2, 2016. Disponível em: <https://fronteiras.emnuvens.com.br/RNF/article/view/57>.

PASTORI, S. C. *Deep learning e contenuti misogini: analisi linguistica dell'errore nei compiti di riconoscimento di misoginia nei meme*. 2023. Tese (Doutorado) – Università degli Studi di Padova, Padova, 2023.

RAMOS, P. E. G. T.; MARTINS, A. de O. Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 117-133, jul./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.5007/1807-9288.2018v14n2p117>.

REGAGNAN, I.; SOUTO, B. Um homem sem sua pílula vermelha está fadado ao fracasso: desvendando o comportamento redpill. In: WOLFF, C.; SCHMITT, E. (Org.). *A internet como campo de disputas de gênero*. Florianópolis/SC: Cultura e Barbárie, 2024. p. 126-137.

RODERICK, I. *Critical discourse studies and technology: a multimodal approach to analysing technoculture*. New York: Bloomsbury Academic, an imprint of Bloomsbury Publishing PLC, 2016.

SANTOS, A. G.; SOARES, N. M. M. OS Memes vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção de sentidos. *Texto Digital*, UFSC, v. 12, p. 185, 2016.

SHIFMAN, L. *Memes in digital culture*. Cambridge: MIT Press, 2014.

VACAREZZA, N. L. Humor y política feminista en los memes de internet a favor del aborto legal en Argentina. *Artefacto Visual*, Madrid, v. 7, p. 112-142, 2022.

VALENTE, M. *Misoginia na Internet: Uma Década de Disputas por Direitos*. São Paulo: Fósforo, 2023.

Van VALKENBURGH, S. P. Digesting the Red Pill: Masculinity and neoliberalism in the manosphere. *Men and Masculinities*, v. 24, n. 1, p. 84-103, 2018. <https://doi.org/10.1177/1097184X18816118>.

VILAÇA, G. VIRGIN X CHAD: Memes de Internet da machosfera brasileira no Reddit. In: 31º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS. Universidade Federal do Maranhão. Imperatriz - MA. 06 a 10 de junho de 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Gracila-Vilaca/publication/363626194_VIRGIN_X_CHAD_Memes_de_Internet_da_machosfera_brasileira_no_Reddit/links/6325cb020a70852150ff6c7d/VIRGIN-X-CHAD-Memes-de-Internet-da-machosfera-brasileira-no-Reddit.pdf.

VILAÇA, G.; D'ANDRÉA, C. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. *Revista Eco-Pós*, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703. DOI: <https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i2.27703>.

NOTAS

AUTORIA

Isabela Rodrigues Regagnan

Doutoranda em História

Programa de Pós-Graduação em História

Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: isabelaregagnan@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-6891-3533>

Jazmin Duarte Sckell

Doutora em Estudos Latino-Americanos

Pesquisador de Pós-Doutorado – Departamento de Ciências Políticas e Sociais
– Cluster of Excellence “Contestations of the Liberal Script (SCRIPTS)”

Freie Universität Berlin

E-mail: jazads@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-6138-5405>

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à professora Cristina Scheibe Wolff e à pesquisadora Elaine Schmitt pela total dedicação ao projeto, e ao Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) pela colaboração na escrita do texto.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

FINANCIAMENTO

Este trabalho forma parte dos projetos “Internet segura com perspectiva crítica de gênero” e “Misoginia: gênero, emoções e política nas redes sociais no Brasil contemporâneo”, coordenados pela professora Dra. Cristina Scheibe Wolff e financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina (FAPESC).

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **INTERthesis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a licença *Creative Commons Attribution* (CC BY) 4.0 International.

Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.

Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Publicação no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Daniel Serravalle de Sá

Cristina Scheibe Wolff

Elaine Schmitt

HISTÓRICO

Recebido em: 16-05-2025 – Aprovado em: 28-05-2025 – Publicado em: 24-07-2025